

TRIBUNA Livre

21
MARÇO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

GAGO COUTINHO

E a Travessia do Atlântico Sul

Por EME

Na pessoa de Gago Coutinho extinguiu-se um belo espécime das virtudes da Raça.

Este homem simples, em que o saber e a modéstia davam as mãos, encarnou, perfeitamente, o espírito da mensagem de Sagres, em nossos dias.

Aproveitou todo o seu grande talento para honrar a Pátria sempre que lhe foi possível, despido de todas as vaidades e à custa dos maiores sacrifícios, com tão abnegada força de vontade e espírito de bem servir, como muito raramente se terá visto em toda a nossa extensa galeria de homens célebres de fama universal como ele.

Com o seu muito abnegado labor, ao longo de uma existência de 90 anos, legou ao património nacional obra difícil de igualar e, relativamente, ainda superior no exemplo dado, de homem bom até à humildade, de exaltado patriota até ao heroísmo, de espírito prudente mas destemido, de sábio experiente e experimentado nas mais rudes provas de serviço, em múltiplas tarefas através do Império Portu-

Três crianças nascidas no mesmo dia, em anos consecutivos

Para nós o caso é único mas mesmo que haja outro, é sempre raro, raríssimo até.

No lugar da Granja, freguesia de Rio Caldo, do Concelho de Terras de Bouro, vive o sr. Américo José Alves Borges e esposa D. Maria José Alves Príncipe Borges, casado em 1956.

No dia 26 de Janeiro de 1957 o casal viu nascer-lhe o primeiro filho, um rapaz. No dia 24 de Janeiro de 1958 nasceu-lhe uma menina. No dia 24 de Janeiro de 1959, outra menina.

Interessante, ainda, que as duas meninas nasceram precisamente há mesma hora e só o rapaz nasceu quatro horas antes.

Alegre, o feliz casal baptizou no domingo findo o seu terceiro «reberto» de que foi padrinho o sr. dr. Avelino Pereira de Carvalho, conservador na Póvoa de Lanhoso, e madrinha D. Ana Rosa Afonso Príncipe, tia da criança.

guês, em que a resistência e o saber tinham de ser as qualidades primordiais para vencer.

E venceu!

Gago Coutinho venceu sempre, com tenacidade, com garra científica e de olhos postos na Pátria amada.

Os Lusíadas serviram-lhe de catecismo etomou a Cruz das Caravelas como bandeira que ostentou em África e na Índia, em Macau e Timor, por todas as nossas províncias ultramarinas e em todos os mares, no estudo de rotas e fronteiras; e a fez voejar nos céus, heróicamente, gloriosamente, apoteoticamente, na Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul.

Ao evocarmos esta façanha monumental, estremecemos de emoção patriótica perante o valor e audácia — não aventureira — dos heróicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que, movendo as asas criadas por Santos Dumont enlaçaram, por esse traço de união lançado em arco sobre os abismos oceânicos, a alma fraterna dos lusíadas de aquém e além Atlântico, descendentes das heróicas gerações que escreveram, em letras de ouro, páginas de glória na História Universal.

A Imponente e Magestosa Procissão de Passos de Sequeiros

Atraiu àquela ridente freguesia milhares de fieis

Realizou-se, domingo, conforme foi anunciado, na freguesia de Sequeiros (Amares), uma imponente e magestosa procissão de Passos (manifestação religiosa de grande vulto) que excedeu todas as expectativas, ainda as mais optimistas, pois todos são unânimes em afirmar que nunca nesta freguesia se viram tantos milhares de fieis. O dia esteve magnífico e tudo concorreu para o maior brilho desta solenidade, que nunca se fez aqui apesar da existência do Calvário ser de mais

(Continua na 4.ª página)



Aspecto da procissão de Passos de Sequeiros (Momento de Encontro)

Acto puramente espirituaal Já não se assistia no Tejo à largada das naus e caravelas que iriam dilatar a Fé e alargar o Império com fins lucrativos; o Lusitânia descolou a 30 de Março de 1922, simplesmente para unir, num amplexo afectivo, os corações de duas pátrias irmanadas no sangue e na fé, de língua e história comuns, com vínculos imperecíveis plasmados nas mesmas virtudes ráticas.

Fácil é de imaginar a grandeza

(Continua na 2.ª página)

CARTAS DA CIDADE

Meu caro Manuel Pintor:

— Faça o favor de me respeitar! Lá por ser de origem humilde, isso não o autoriza a desprezar-me assim. Valho muito mais que você, porque me fiz por mim próprio, ouviu?

— Pois eu lhe digo: Se se fêz a si próprio, fique sabendo que livrou o seu pai de uma grande responsabilidade!

Eu não quero livrar o teu pai de responsabilidades, meu

caro Manuel. Não quero. Mas também não entendo nada do que é isso de te fazeres por ti mesmo. Não haverá por aí presunção a mais?

É certo que lá por valeres muito mais do que eu, não quer dizer que valhas alguma coisa de jeito. Também isto não significa que não tenhas jeito para alguma coisa. Lá isso tens. Uma grande jeiteira, até. O teu jeito maior é para embulhar. És um grande embulhador, lá isso és. Devias ter ido para caixeiro. Talvez não chegues a fazer mais nada na vida, mas chegarás a rico se continuares a embulhar como até aqui, a tua vida e a dos outros.

Acautela-te, porém, que nem todos se deixam ir no embulho, e outros só se deixam ir às vezes.

Quando Eisenhower comandava tropas, aconteceu de um soldado, sem o reconhecer, lhe pedir lume. Mastigando um muito obrigado—

(Continua na 4.ª página)

Ultrapassa os limites dum pequeno artigo querer referir em pormenor as vicissitudes históricas da cerimónia da bênção e procissão de Ramos. Rica de simbolismo mergulha as suas raízes no século 4.º e assim o seu significado permanece inalterável não obstante as contínuas mutações dos tempos.

Festa de alegria e entusiasmo, a solenidade do dia recorda a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. As orações são de sabor antigo e de elevada inspiração. Delas pode deduzir-se o significado das palmas e dos ramos de oliveira, que benzidos se levam em procis-

são e que depois no respeito por uma tradição muito remota são conduzidos para casa onde se guardam piedosamente, ou para a Igreja. Destes, depois de queimados, é recolhida a cinza que na 4.ª feira é imposta aos fieis, assinalando-lhes a sua origem e destino.

Segundo o Cardeal Schuster, estas cerimónias hoje uniformes em toda a Igreja, tiveram procedências extremamente diversas e no decorrer dos tempos fez-se uma fusão com mais ou menos acerto sem que existisse qualquer plano preconcebido.

Assim se explica que ao lado duma antifona «Hosana ao filho de David, bendito seja o que vem em nome do Senhor» se encontrem responsórios exclusivamente alusivos à paixão de Cristo.

A procissão data igualmente do século 4.º pelo menos no Ocidente, pois testemunhas autorizadas dizem que a mesma já se fazia antes deste século em Jerusalém.

(Continua na 2.ª página)

Carta de Esposende

Recebemos um artigo do Ex.º Senhor Presidente da Câmara de Esposende, que não inserimos hoje devido a ter chegado pouco antes de começar a imprimir o jornal.

Será publicado no próximo número.

Senhor Frederico Colona e Esposa

Acaba de deixar Amares, o nosso conterrâneo e amigo Exmo. Senhor Frederico Machado Dias Colona e Sua Exma. Esposa, que se dirigem a Lisboa afim de embarcar nos primeiros dias de Abril para o Brasil, no nosso transatlântico Vera Cruz. Não podíamos deixar de manifestar, ao apresentar-lhes os nossos cumprimentos de despedida, certo pesar por vermos retirar pessoas que pelo seu apuro e bondade, tão boas amizades sabem criar onde quer que se encontrem. Muito boa viagem lhes deseja «Tribuna Livre».

Código Administrativo

Na Assembleia Nacional, um deputado trouxe há dias uma feliz discussão sobre a necessidade de substituir ou alterar algumas disposições do «Código Administrativo», disposições violentas, antiquadas, mas próprias de uma vasta legislação que não podia sair sem defeitos, só conhecidos depois de praticados. As autoridades, como sempre, cumpridoras dos seus deveres, devem também reconhecer quanto as constrange aplicar certas sanções. Mas é o respeito pela «Lei» e em nome dela se vêem impelidos à prática de um acto desumano. É em nome da «Lei» que se tem de perder tempo,

(Continua na 5.ª página)

GAGO COUTINHO

(Continuação da 1.ª página)

de alma, o espírito epopeico em que iriam imbuidos os nobres aviadores que, por «ares nunca dantes voejados», ergueram em apteóticos voos a rubra Cruz das Caravelas e a gloriosa Bandeira das Quinas.

Todo o orgulho de uma Raça heróica foi depositado na frágil aeronave dos «Heróis do Ar», a voar sobre o Atlântico com o mesmo rigor científico que fez da Armada de Vasco da Gama pioneira da navegação científica; com a mesma certeza que levou Pedro Álvares Cabral a Terras de Santa Cruz.

Sagres presidiu igualmente aos destinos das Caravelas do Mar e das «Caravelas do Ar».

O astrolábio saído da Escola do Infante foi instrumento maravilhoso que iniciou a navegação do alto mar em moldes científicos; o sextante de Gago Coutinho fez dos portugueses, igualmente, os precursores da navegação aérea científica.

Eis a verdadeira glória da Travessia do Atlântico Sul que enobreceu o feito dos nossos aviadores, incomparavelmente superior a tudo o que até então se havia realizado no domínio dos ares.

O mundo pasmou porque tinha esquecido, de momento, as nossas glórias do passado!

A confiança nos instrumentos científicos era tal, que ao verificarem em Cabo Verde, pelo percurso já feito, não lhes ser possível abastecer-se de combustível para as 16 horas de voo contínuo até Fernando Noronha como os frabricantes do Lusitânia lhes haviam garantido o aparelho satisfaria, logo tomaram a resolução de amarissar nos Rochedos de S. Pedro e S. Paulo, minúsculos pontos de referência perdidos na vastidão oceânica.

E assim fizeram!

Esta suprema prova de perícia, só não foi coroada de pleno êxito por as condições do tempo o não terem permitido. Desceram rigorosamente no ponto previsto, mas provocando avaria nos flutuadores do hidroavião. Haviam, no entanto, alcançado território brasileiro, nos Rochedos.

Dali à apoteótica recepção da Baía de Guanabara, foi a odisseia que todos conhecem. Dissemos, Odisseia?! Não é o termo, porque significa aventura; e os aviadores portugueses levavam consigo instrumentos científicos como o sextante, o cronómetro, a bússula e tábuas de logaritmos, o almanaque marítimo e cartas de navegação, tudo, enfim, que Ulisses não tinha mas que Gago Coutinho possuía e sabia manejar com mestria; levavam também consigo «Os Lusíadas» para lhes incutir a força de ânimo, a heroicidade que lhes permitiu vencer todos os obstáculos e alcançar a vitória; porque eles liam ali:

Visado pela censura

*Viste que com grandíssima ousadia
Fizeste cometer o céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes; e ainda vemos cada dia
Soberbas insolências tais, que temo
Que do mar e do céu, em poucos anos
Venham deuses a ser, e nós humanos.*

(Lusiadas—C. V Est. XXIX)

Esta viagem gloriosa foi o verdadeiro «Crepúsculo dos Deuses», destronados dos céus como haviam sido barridos dos mares; o Adamastor petrificou, para sempre, nos Rochedos de S. Pedro e S. Paulo!

Sobre esta viagem disseram-se e escreveram-se coisas tão lindas, tão transcendentes, tão maravilhosas, que não resistimos à tentação, pelo menos, de duas transcrições. Eis uma saudação assinada por António José de Almeida, António Maria da Silva e Guerra Junqueiro:

O vosso acto de epopeia, cientificamente muito belo, foi moralmente prodigioso. Levou ao Brasil, enaltecida e sublimada, a alma heróica de Portugal. As duas Pátrias irmãs aclamam em vós, num coro de apoteose, a nobreza da raça, o gênio imoral de que descendem. A Glória eterna das nossas descobertas, que unificaram e deslumbraram o mundo, evocada por vós, levanta-se da História e vem saudar-vos. É o Profeta de Sagres, é Zaco, Gonçalo Velho, Gil Eannes, Tristão, Diogo Cão, Bartolomeu Dias e o Gama e Cabral e Magalhães. As almas extasiadas, voltamos a viver, numa hora infinita, o passado agosto, e o grandioso coral das duas Pátrias abraça-se de amor e desenrola-se, em hino ardente do futuro. E, então, o vosso acto heróico nimba-se, por milagre, dum esplendor sagrado e religioso. E' que nas asas da vossa caravela harmonicamente iam voando — a bandeira da Patria e a Cruz de Cristo. A Pátria exalta-vos e Deus abençoa-vos. Há mais um dia em flor, cantando e rezando, na grande história de Portugal.

No regresso do Brasil os heróis foram recebidos em frenética apoteose. No meio das mais extraordinárias manifestações patrióticas, os estudantes de Coimbra tiveram este gesto: à passagem do Arco da Rua Augusta tomaram as rédeas e desatrelaram os cavalos da carruagem que conduzia os aviadores e puxaram eles (estudantes) a esta, conduzindo-a triunfalmente.

Também por essa ocasião o grande tribuno Dr. Leonardo Coimbra proferiu uma vibrante oração, um hino que terminou assim:

Meu Deus! Se é possível à infinita bondade tornar digno o meu pobre coração, fazer com que em vez dum orgulho maldoso me anime apenas uma perfeita humildade, cola aos

meus lábios terra de Portugal, chão da Estrela e do Marão, água do nosso Mar salgado, põe neles a pureza momentânea dos melhores e mais puros corações de Portugal e permite que, ao beijar Gago Coutinho, ele possa sentir que é Portugal inteiro, o passado, o presente e o futuro, o eterno já sem lábios e feito puro amor, que a ele e seu companheiro, agradece e abençoa.

(Ao terminar beijou efusivamente Gago Coutinho e abraçou Sacadura Cabral.)

Foi a consagração total!

Nesta altura, assim como aconteceu no Brasil, os heróis foram elevados às culminâncias da Glória, em hosanas que adejaram no espaço, repercutindo-se no tempo, incessante, em eterna apoteose para a imortalidade!!

E dito isto parecer-nos-á que nada mais haveria acrescentar à glória de Gago Coutinho. Mas não parou aqui; não podia parar quem tanto amava a Pátria; esta reclamava-lhe novos serviços; e compreendeu ainda, perfeitamente, que «todos não somos demais para continuar Portugal», seguindo a lapidar expressão desse outro grande patriota Salazar.

Ninguém diria que aquele já envelhecido corpo aos 53 anos, haveria de viver mais 37, sempre lúcido e operante. Não satisfeito em ter repetido nos ares, a imortal epopeia marítima dos portugueses de Quinhentos, Gago Coutinho continuou a servir com amor. Escondia num corpo envelhecido, uma alma jovem; na sua aparente timidez, a heróica e; na modéstia do seu porte, a grandeza da glória. Servir sem servilismo, crer sem misticismo, amar sem interesse, construir sem ostentação, foram preceitos que constituíram o seu lema.

Animava-o voluntariosa serenidade, prudência heróica, esforçada abnegação, qualidades que o impuseram à consideração de quantos o conheciam e logo amavam. Não sabemos de melhor exemplo para demonstrar o receito evangélico de que «quem se humilha será exaltado», do que o de Gago Coutinho, que se humilhou até ao túmulo, que procurou ofuscar o brilho intenso da sua glória, em campa rasa, querendo ir vestido para a última morada com o fato de ganga das lides africanas, pondo na sepultura o seguinte epitáfio, chocante de simplicidade: *Gago Coutinho — Geógrafo — 1869/195*.

Ele que tinha lugar no Panteão dos Jerónimos, desprezou as honras para preferir ser beijado, incessantemente, pela

LIBERTAÇÃO...

(À saudosa memória da excelsa colega D. Maria Hermínia B. Fernandes).

Ainda julgo ver a sensitiva Imagem
Da tua vida a rir, olhando para mim!
Morreste?! Não! Partiste em nupcial viagem
Deste mundo finito à Pátria do Sem Fim!..

A Morte habita em nós no fundo da voragem
Deste antro pecador, sofrendo a vida ruim!
A alma se evola ao Céu, em triunfal romagem,
Libertando-se dela em doce frenesim!..

Livre da podridão das formas da matéria
E, gozando, por certo, a doce paz etérea,
Prémio que o Pai concede ao Santo-herói na Dor —

Roga a Deus que mitigue o pranto de amargura
Vertido pelos teus, em negra desventura,
Unindo-os, num abraço, um dia, ao teu Amor!..

Oliveira, 2/3/ 959.

Rodrigues Carrazedo

RAMOS

(Continuação da 1.ª página)

O grande liturgista Dom Guévauger afirma que na idade média a festa dos Ramos era celebrada com grande pompa em todas as igrejas e na procissão eram levados os Santos Evangelhos que representavam a Cristo. No século XI o hereje Berengário começou a difundir através da Inglaterra e Normandia, suas perniciosas

Terra Pátria que tanto amou; quis dar-se-lhe inteiramente em êxtases de amor: quis dar-se à Mãe Pátria até à última molécula, até ao último atmo de explosivo amor com que procurou pulverizar as paixões e desavenças e incendiar os corações portugueses e brasileiros que havia unido nesse histórico abraço aéreo. A Pátria foi, efectivamente, sua mãe, desde que ficou orfão ao 12 anos; portugueses e brasileiros, a sua Família.

Curvemo-nos ante a gigantesca figura de Carlos Viegas Gago Coutinho, falecido em 17 de Fevereiro do corrente ano, no Hospital da Marinha, às 18 horas e 5 minutos.

Ajoelhemos perante o seus despojos e contemplemos a sua alma, que leva a imagem de Deus e da Pátria no supremo voo para o Além...!

Com 90 anos (visto ter nascido em 17 de Fevereiro de 1869, em S. Brás de Alportel) desceu ao túmulo o Herói do Ar, o Herói do Mar, o Herói da Terra: o aviador, o marinheiro, o geógrafo—o sábio e heróico português que devasou os ares em voos gloriosos, escalou e roteou os mares em todos os ventos, delimitou e demarcou as fronteiras do Império, servindo-se da ciência e do amor à Pátria para realizar a obra magnífica que a sua inteligência e as suas mãos deixaram em cartas geográficas, no livro, na imprensa, nos instrumentos científicos que inventou, passando tudo à História, com Ele, em letras de ouro.

Honra e glória a Gago Coutinho!

EME

doutrinas e como reacção contra a heresia introduziu-se o costume de levar a SS.^{ma} Eucaristia na procissão dos Ramos. Hoje não existe tal costume, abolido por certo pelo ambiente de algazarra e bulhosa alegria, que a petizada empresta à cerimónia ostentando vistosos ramos de oliveira ornamentados com serpentina de todas as cores. O sentido da festa foi sempre a comemoração da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém.

Quando a procissão chega à Igreja as portas estão cerradas. Os coros dos cantores vão alternando fora e dentro o canto do «Glória, laus etc.» O sacerdote toma a Cruz, percute com a haste por três vezes a porta que se abre, penetrando a procissão no interior do templo.

O coro é o símbolo da Igreja Triunfante e a cerimónia da entrada a vitória de Cristo que pela paixão e morte da Cruz abriu à humanidade as portas do Céu.

Segue-se então a missa, toda ela alusiva à paixão do Senhor. O profeta David, o apóstolo S. Paulo e evangelista S. Mateus referem em termos cortantes as dores e a morte afrontosa do nosso Redentor. Os fieis meditam e ostentam os ramos como emblema de triunfo contra as humilhações a que Jesus foi submetido pelos seus inimigos.

Por outro lado os ramos e as palmas simbolizam a disposição de todo o cristão para lutar e padecer por Cristo como soldado incondicional e destemido do seu Rei.

Concluindo, a paixão foi para Cristo o caminho do triunfo. A renúncia, o sacrifício e cumprimento integral do dever, será também para todo o cristão o caminho da glória eterna.

M. P.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

TRIBUNA do CONCELHO

Visita Pascal em Ferreiros

Este ano o itinerário da visita Pascal à nossa freguesia sofre algumas alterações pelo que achamos oportuno mencioná-las aqui para conhecimento dos interessados.

À meia noite do sábado para o Domingo será celebrada a missa da Ressurreição, precedida da benção da Pia Baptismal, renovação das promessas do baptismo, etc.

Às sete horas sairá a Cruz que percorrerá como de costume o lugar da Igreja, vai ao Bário e desce para Vasconcelos. Todo o itinerário seguinte é igual ao dos anos anteriores até ao momento em que a Cruz entra no Largo do Dr. Oliveira Salazar junto da casa do Senhor José dos Santos Meneses. Somente se anota, para conhecimento, que a Cruz, como sai mais cedo também chega mais cedo aos lugares. Assim, como exemplo diremos que ela deverá estar no lugar da Lage entre as nove e meia e as dez horas.

Da casa do senhor Meneses, referido, atravessa o Largo e vai à Corredoura. Daqui faz o percurso dos anos anteriores até ao Sertão, corre este, ao entrar no Largo do Dr. Oliveira Salazar vai ao sr. José Gil de Macedo e às casas que dão até à casa do sr. João Macedo onde recolhe. Este percurso estará terminado ao meio dia, hora em que haverá uma missa. Após o almoço a visita recomeça na casa do sr. António Augusto Macedo, corre todo o lado norte do Largo até ao sr. Vieira, dali corre a rua da Igreja, vai ao Bário e faz o percurso dos anos anteriores até entrar no Largo pela estrada de Besteiros. Daqui salta ao sr. Agostinho Vieira e corre toda a parte sul do Largo e a rua nova. Dali vai à entrada do Sertão para formar a procissão do costume.

Para elucidar se diz que se prevê que estará perto das 10 horas na Lage, às 11 na Corredoura, 11,30 no Sertão e meio dia a entrar no Largo.

Das 14,30 às 16 fará o lado norte do Largo, às 16,30 o Bário, às 17,30 novamente a entrar no Largo e às 19 a recolher.

Carrizado

Corrida velocipédica

A Federação Portuguesa de Ciclismo com o concurso da tipografia «A Modelar», do comércio local e alguns entusiastas, destacando-se o sr. José Fernandes de Araújo, promoveu no passado domingo, pelas 10 h., uma corrida de bicicletas que teve início no largo Dr. Oliveira Salazar, onde terminou pelas 12 h. depois de percorridos os 52 quilómetros exigidos. Dos 10 corredores inscritos apenas 7 concluíram a prova cheia de entusiasmo e peripécias. Os prémios de 1.000\$00 Esc. couberam aos seguintes classificados: 1.º e 2.º a João Alves Bicho e Raul Ribeiro do Centro Ciclista do Aldoar; 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º a, respectivamente, José Quintas, António Rodrigues, Manuel Ferreira Peixoto, Manuel da Silva Pereira e António Magalhães, todos estes dos Leões de «A Modelar» de Amares.

C.

Novos Assinantes

Pelo Revmo. Snr. Pe. José de Oliveira Guimarães, Digno Pároco de Guilhofrei, Póvoa de Lanhoso, foi-nos indicado o Re. mo Pe. Horácio de Campos, pároco da Esperança, do mesmo concelho.

Pelo Snr. Guilherme Augusto de Abreu foi-nos indicado o Snr. Fernando Gonçalves Machado.

Prontamente fizemos as suas inscrições, e agradecemos.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—O Snr. Joaquim Correia da Costa.

Amanhã—A Snra. Maria do Sameiro Gonçalves Leite.

Terça-feira—A Snra. D. Maria Isabel Calheiros Cruz, os Snrs. Francisco José Calheiros e Faustino Carneiro dos Santos.

Quarta-feira—O Snr. Manuel Cardoso de Abreu.

Sexta-feira—A menina Maria Alice Fernandes Gonçalves, a Sra. Elvira Gonçalves Leite, os Srs. Tomé José Gonçalves e Joaquim José de Macedo Martins.

No passado dia 18 passou o aniversário natalício o menino José Carlos Antunes Martins, filho do nosso assinante e amigo Sr. Daniel Lourenço Martins, residente no Rio de Janeiro.

Parabens a todos.

Primeiro benefício a um Monumento Nacional

Por não oferecer segurança à integridade física dos fieis, foi encerrada a Sacristia do Mosteiro Benedictino de Rendufe, há anos considerado imóvel de interese público e única Igreja da freguesia para venerar o único e verdadeiro Ditador Universal sem sucessores nem antagonistas.

BOURO

Noticiário Religioso Encerramento da Santa Missão

Num ambiente verdadeiramente festivo e repleto de solenidades, encerrou-se no passado dia 15 do corrente a Santa Missão que, conforme o anunciado no número anterior, teve início no passado dia 1, e atraiu à nossa Igreja elevadíssimo número de pessoas, não só da freguesia como também das circunvizinhas. Quando demos a notícia inserida no número anterior, estávamos alheios à identidade dos distintos oradores encarregados desta Santa Missão. Porém, durante a sua convivência entre nós, tivemos ocasião de com eles trocarmos umas ligeiras impressões, mas contudo, bastantes suficientes para o que desejamos. Verificamos tratar-se dos R. mos Frei Leão do Sacramento e Frei Sebastião, dois distintos Missionários da Ordem Passionista, ambos de naturalidade Espanhola, mas desde há muito a residir em Portugal, ocupando um Convento daquela Ordem, sito na freguesia de Barrozelas, subúrbios de Viana do Castelo.

Não sabemos com que palavras traduzir a satisfação do nosso povo ao sentir a presença daqueles dois venerandos Ministros, nem tão pouco tecer a estes, o elogio que tão dignamente merecem, pela brilhante e Santa maneira como nos convidam ao caminho da Salvação. No entanto, podemos afirmar que os modos, as palavras e o exemplo destes Santos—deixem-me assim dizer—Missionários, para quem as vaidades e as riquezas deste mundo são preditados sem algum valor, cativam e atraem ao Caminho da Luz, todas as pessoas, mesmo aquelas que de tal andavam muito afastadas.

Que pena não estarmos permanentemente em contacto com tão distintos Missionários, cujo prazer é a conversão de todas as almas, e nada de egoísmo, ou qualquer outra coisa que possa ser desagradável a Deus, segundo as suas pregações.

As pregações, bem como a todos os actos relacionados com a Santa Missão, assistiram sempre elevadíssimo número de pessoas, que por vezes encheram totalmente a nossa espaçosa Igreja, tendo algumas ficado junto das portas que mais lhe facilitavam a

Também em antes de 1926 e ainda não era Nacional esse monumento, foi encerrado ao culto da pontualidade dos paroquianos o relógio existente numa das torres, montado talvez a quando da sua centenária fundação.

visibilidade, visto que o interior estava repleto. Verificou-se também um grande número de confissões e, talvez alguns milhares de comunhões. Em suma: Uma coisa nunca vista na nossa freguesia.

Assistimos por último à despedida dos dois R. mos Missionários, que teve lugar no dia 16, cerca das 15 horas, momento também muito impressionante, porque vimos no rosto de todas as pessoas presentes, correram lágrimas de verdadeira comoção, ao sentirem a aproximação da ausência daqueles conversores de almas. Foi-lhes entregue determinada quantia em dinheiro, angariada em subscrição, promovida pelos Senhores António José Fernandes, Mário Augusto Fernandes Almeida, Fernando Vilela Ribeiro e Augusto Dias Leites, que reverterá em auxílio da Ordem Passionista.

Que Deus encha de Graças esta Santa Ordem Religiosa, é o que sinceramente desejamos.

A Passagem está inundada

Mesmo contrariados e já saturados de tanto clamar, voltamos à passagem feita pela Hidro Eléctrica do Cávado, para restabelecer a ligação entre Bouro e Friande. Durante os 15 dias que decorreu a Santa Missão, a passagem, ou melhor, o precípicio que a H.I.C.A. mandou construir esteve submerso devido à abertura das Compostas da Albufeira, que origina a anormalidade do caudal do rio. Assim, verificamos que muitas pessoas de Friande deixaram de assistir às pregações, e aquelas que sacrificadamente o fizeram, foram forçadas a calcorrear cerca de 12 Kilómetros, que levaria mais de 2 horas, quando, antes da construção da Barragem, o faziam em menos de 30 minutos. Tem sido constantes as nossas insistências junto da Hica mas até ver não tivemos conhecimento do mais pequeno passo para nos restituir aquilo que a Barragem nos tirou.

Lembrem-se que somos todos portugueses e que, pelo menos, temos direito ao que a Natureza nos ofereceu!

Concordamos que a Barragem fosse uma obra indispensável, mas é indispensável também que o povo goze os benefícios que já antes da Barragem gozava. Na Sagrada doutrina aprendemos a respeitar o direito do nosso semelhante, e não o torpedear como neste caso aconteceu.

Será por ventura dificuldade financeira que obste a H.I.C.A. de regularizar a passagem, a pontos de servir convenientemente estes dois povos? Não admitimos essa hipótese: lembrem-se que é de grande conveniência a passagem e que já existia ali, há talvez mais de cem anos.

Aqui fica mais uma vez o nosso apelo para quem de direito.

A. Fernandes.

Rendufe

Mosteiro Benedictino

Por ter sido ordenado superiormente a sua interdição originada pelo seu estado ruinoso, ficarão privados dos exercícios religiosos os habitantes desta freguesia sem outra Igreja para os praticar. Tratando-se de imóvel de interesse público ou Monumento Nacional, como é, nem o pároco nem os paroquianos poderão tomar providências, já há muito solicitadas, para evitar esta situação a mais de 1000 habitantes.

C.

HUMORISMO

Na Rua

Um gaiato oferece a um cavalheiro que passa:

—Quer o jornal?

O cavalheiro, querendo ter graça, respondeu:

—Quero. Dá cá o de amanhã.

—Esse não tenho, vendi-os todos ontem.

Um cego a ler

—Como, diz o transeunte para o mendigo, você diz que é cego e afinal, vejo-o a ler um jornal.

—Eu, responde o mendigo, só olho para as gravuras.

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Carta da Cidade

(Continuação da 1.ª página)

thank you—, seguiu caminho. Um outro soldado, precisamente o 29, aproximou-se e falou-lhe ao ouvido: Ó 31, sabes a quem pediste lume? Então não reparaste que era o nosso comandante?

O pobre do 31 foi logo pedir desculpa de ter infringido o Regulamento. Eisenhower ouviu, sorriu e respondeu:— Meu rapaz, nunca tenhas medo de pedir lume ao Comandante. Dou-te, porém um conselho:— Ao Cabo, sim, nunca lhe peças lume... Queimar-te-ás!

Meu caro Manuel, eu nun-

ca te pedirei lume. E tu faz na mesma: nunca lhe peças lume a ele, ao meu compadre. Nós poderemos nunca chegar a furréis; ele é que nunca passará de cabo, embora se julgue ou o julguem comandante. Já reparaste naquela atitude olímpica, quando ao volante da «sua» espada? Não gosta de usar «farda», mas lá perder aquela atitude bélica de comandante invicto, isso, sim. Acostumou-se a chamar por tu a todos. É «francês» de sobra. Ou então julga-se filho de... toda a gente. Sim: agora são os filhos que terzeiam os pais. Ó pai, tu que tens? Ó pai,

Procissão de Passos em Sequeiros

(Continuação da 1.ª página)

de 60 anos. A procissão de velas que se realizou no sábado com o andor do Senhor dos Passos, foi imponente. Centenas de velas acesas formavam um quadro riquíssimo.

No domingo, cerca das 14 horas, realizou-se o sermão do Pretório, pelo grande orador sacro, Rev. Dr. Adão Salgado, professor do Seminário de Braga, mas dada a grande multidão de fieis teve esta de ser feita ao ar livre, em virtude da enorme multidão não caber na igreja parquial. Findo o sermão, organizou-se a magestosa e imponente Procissão em que seguiam à frente os «faricocos» corneteiros, logo após o guião e seguidamente os «faricocos» ruje-ruje e as várias figuras alegóricas em número de algumas dezenas formando quadros riquíssimos e vistosos, que foram apreciadíssimos; bandeira do Senhor dos Passos de Sequeiros, Verónica com a Toalha do Rosto do Senhor, andor formoso do Senhor dos Passos, mais figurados, o pálio roxo sob o qual seguia o «Santo Lenho» (reliquia preciosa), sendo portador o Rev. Pároco de Caldelas acolitado pelos párocos das freguesias da Torre e Souto. A guarda de honra foi prestada por um piquete dos Bombeiros Voluntários de Amares, bem como elementos desta importante Corporação, foi quem dirigiu a procissão, de tal forma que muito contribuiu para que tudo corresse na melhor ordem. Após o pálio seguia o juiz acompanhado pelos restantes membros e a Confraria. A Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares, que tomou parte nesta imponente e magestosa procissão, muito contribuiu para abrilhantar e acompanhar a Verónica nos cânticos e os toques da paixão foram executados

tu que fazes? Ó pai, tu que dizes? Viva a geração do tu-tu, vencedora indiscutível da geração do tan-tan.

—Tens razão, Manuel! A que ponto desceu a nossa conversa de hoje: Já vai no tan-tan!

Verdade seja que eles não merecem mais e com certeza se recusam a compreender o resto. São uns pobres diabos que não sabem o que querem e só admitem o que sabem. Autênticas crianças.

Ultimamente, até lhes dá para tentar convencer-nos de que são muito nossos amigos. É por nós que eles lutam, e sofrem, e escrevem, e protestam.

Mão estendida, pela nossa liberdade.

Ai! ai! ai! que eu luto
Só por vosso amor.
(Sêde a minha escada,
Sereis meu tambor...).

E por hoje, meu caro Manuel, não ponho mais na carta. Foi até com muito custo que consegui chegar ao fim. A gripe não me deixa...

Sabes quem veio visitar-me? O Anselmo. Imagina lá o que eu tive de ouvir. Contou-me a história do abade que deixou uma fortuna aos pobres e dos pobres que nunca mais viram a fortuna do abade. Diz ele que todo aquele *dinheirame* dorme nos bancos da Avenida. Ora vê

com grande esmero, sendo muito apreciados. No sermão do encontro com a imagem de Nossa Senhora da Soledade, acto formoso mas deveras comovente, a Verónica acompanhada pela distinta Banda de música desempenhou-se com pleno agrado de todos. Nesta passagem viram-se lágrimas de profunda comoção em todos aqueles milhares de fieis. O último Sermão, do monte Calvário, foi feito pelo mesmo orador, muito apreciado, tendo a figura simbólica do «Centurião» desempenhado o seu papel impressionantemente, bem como as três Marias, S. João e N.ª Sr.ª das Dores abraçada à de Jesus Crucificado. Terminou assim, a última cena do Calvário, acto deveras comovente e impressionante que fechou com a bênção do Santo Lenho e uma multidão de milhares de fieis. C.

TRIBUNA DESPORTIVA

(Continuação da 6.ª página)

zer uma boa partida. Os cufistas terão que contar com a artilharia do Benfica que se empenhará em dar uma goliada que lhe garanta o título. Seja

lá tu. Tanto frio e *aquilo* tudo a dormir nos bancos. Onde estará o gato?, perguntava ele e queria à viva força que eu escrevesse uma Carta só a tal respeito. Mas...

Um doido tinha o costume de ir para o terraço do manicomio e esperar que batesse o meio-dia. Ouvindo as badaladas dizia:

—É meio-dia. Deitemos as batatas a cozer. E atirava-se do terraço, de cabeça para baixo. Mas havia sempre ali uma rede que o aparava. Os enfermeiros, cientes desta mania do demente, colocavam-na, ali sempre, antes do meio-dia.

Mas uma vez, decididos a escarmentar o doido, não colocaram lá a rede. O doido esperou as doze badaladas, olhou para baixo do terraço e disse:— É meio-dia. Hoje não se deitam as batatas a cozer...

Entendeste, Manuel? Ainda não é hoje que as batatas se cozem...

Todo teu,
Selva Junior

como for, nós vamos arriscar este vaticínio. *Benfica-4, Cuf0 (No Barreiro)* O Lusitano vem até ao Barreiro para defrontar um Barreirense esfomado de pontos e em perigo de baixas de divisão. Os evorenses não estão em tão maus lençois, mas numa vitória evitarão qualquer contrariedade nos jogos de apuramento. Outro jogo, outra incógnita e nós mais uma vez a darmos vantagem ao onze visitado. *Barreirense-2, Lusitano-0.*

(*Em Torres Vedras*) Outro encontro que dependerá muito do resultado. De qualquer maneira estamos na frente de outra lista renhida. Nenhuma equipa pode perder: o F. C. do Porto com o título na mão e o seu adversário com a força na garganta. Terá o grupo do norte uma escorregadela no campo das Covas? Outro jogo de grande luta, emoção e finalmente quem sabe, talvez lágrimas. O grupo local vai ter pela frente um F. C. do Porto a jogar muito nesta segunda volta e com certeza não resistirá. Resguardando qualquer esperança, optamos por este apontamento. *Torriense-0, F. C. do Porto-2*

(*No Restelo*) Finalmente temos mais um jogo grande. Belenenses e Sporting vão lutar para conseguir aquilo porque todos lutam: a vitória. Nenhuma equipe tem aspirações mas nunca sabe bem perder. Os dois continuam incertos apesar de terem derrotado o guia, mas os azuis também têm caído nestas últimos jogos. Outra dúvida no resultado mas nós para evitar qualquer contrariedade vamos partir a dúvida a meio. *Belenenses-2, Sporting-2.*

Visado pela Censura

Folhetim de «Tribuna Livre», 97

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho—Usos e costumes)

—Está bem. Oxalá, contudo, que não me apareça outra espiga esta noite por que para espiga já basta esta!

Soou uma trovoada de hilariantes gargalhadas que cortou o silêncio da noite a muitas centenas de metros de distância.

E a Angelina, fazendo das tripas coração, lá se levantou a muito custo e, muito encarnada, principiou a distribuir beijos numa extremidade e acabou na outra.

Quando chegou a vez do Francisco de Campos, este, por sua vez, também deu um beijo na Angelina, mas ela não gostou da gracinha e correspondeu-lhe com uma bofetada que fez eco.

—Ouve lá ó pequena, tu também beijas com as mãos?— perguntou-lhe o rapaz, a rir.

—É para não seres atrevido para a outra vez!

A condenada fui eu e não tu.

A assistência riu a bandeiras despregadas, riu até às lágrimas, apertando a barriga, dando gargalhadas, como se fosse atacada, colectivamente, da doença do riso.

—Eu ainda hoje espero vingar-me de ti, Angelina—disse-lhe, por fim, o Francisco Campos.

—Atreve-te e verás...— respondeu-lhe, intencionalmente, a cachopa.

—Olha que parece mal dar na cara de um homem!

—Quando êle tem barba... mas não é o caso de agora, como está à vista...

—Já a semeiei e daqui a pouco nasce vasta e forte... para te impor respeito!

—Quando isso acontecer eu substituo a mão por um pau...

—Para quê?!

—Para te dar com êle nas costas.

—Oh! rapariga, tu és descendente da padeira de Aljobarrota, da D. Brites de Moura!

—Não, descendo da Maria da Fonte.

—Que tal tu serias, se tivesses pêlo na venta!

—Pêlo tem os cães e os burros...

—E outros animais quejandos...

O diálogo, foi interrompido, pois o Anacleto Miranda descamisara uma espiga rainha.

—Que é que se há-de fazer ao Mirandinha?— perguntou a trocista Francelina do Paço.

—Eu cá por mim—disse o António Campos—acho que deve dar um abraço e um beijo nas raparigas e dois cigarros a cada rapaz.

—Não senhor—protestou a endiabrada Maria Alice—eu proponho que êle dê um cigarro a cada homem e uma malga de vinho a cada mulher.

Uma esfusante gargalhada atropou os ares, saudando a divertida componesa pela seu original proposta.

—Alto lá!—interveio a dona a casa, a Maria Teresa.

Os cigarros e o vinho dou-os eu e os abraços e os beijos, nas raparigas, dá-os o Miranda.

—Ah! sim?!—chalaceou a Albertina Ferreira—quando a Maria Teresa descamisar uma espiga-rainha também há-de beijar os rapazes...

—Eles não apreciam os beijos das mulheres casadas, o que eles querem são os beijos das raparigas solteiras—retorquiu-lhe a interlocutora.

(CONTINUA)

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 22

(CONTINUAÇÃO)

Noutros penedos se vêem degraus feitos a picão, para se poder subir ao alto deles e dali também ocultamente estarem vigiando!

Finalmente, o padre Matos Ferreira (1728) conhecido dos anteriores e por eles comentado:

«Deste sítio (que chamavam Berbezos) olhando para a parte direyta se vê o ninho a donde algumas Águias Reais crião os seus filhos: fica distante da Geyra perto de hua miha no sítio que chamão Costa de Sarilhão, adonde está hua montanha muyto aspera, vestida de muytas árvores de diversas qualidades... no cume desta montanha está hua grande gruta de penedos fabricados pelo Autor da natureza, que admira muyto o seu artificio, e não menos a diversidade, que esta montanha tem das mais; por que debayxo até o meyo se vay sempre recolhendo para dentro, e do meyo até o cume vay sahindo para fora fazendo hum empeno grande, de sorte que posta hua pessoa defronte della lhe causa grande temor pela ruina, que lhe parece estar ameaçando, parecendo que todo aquelle rochedo se quer despenhar, estando elle tão seguro, que só no fim do universo poderá seu precipício na gruta desta montanha he que as Águias em alguns annos costumão crear, e por diante não tem subida nenhuma por ficar aquelle rochedo tão cahido para fora, que faz hua volta, ou arco de meya lua de sorte que por todos os modos fica impossível de es poder subir a gruta, mas somente pellos montes, que ficão por detraz della, como fazem os camponeses, e enliando um cesto em muytas cordas vão decendo por elle, e com muyto trabalho, e perigo...»

Compare-se o sentido desta curiosa descrição com algumas passagens das Inquirições 1220: *Et todos desta colatione (Carvalheira) levavam as tabolas et a madeira ao Castello et faziam o taboado et as escaadas.*

... et quando os decem do Castello dam ao Senhor da Terra (Covide) X bragaes, etc. e note-se como fica a impressão de que a admirável montanha, sobre a qual se levantava o Castelo de Bouro, devia ser guarnecida de taludes e estacarias pelo seu único lado vulnerável, de modo a tornar inteiramente inacessível uma tão extraordinária fortaleza natural, onde o escalamento e a descida só eram possíveis por meio de cordas ou escadas.

Fizeram aqueles, os querquenos, uma guerra sem tréguas nem quartel: cada um por sua conta e risco, comandando-se a si mesmo, a exemplo da fera bravia da serra, armando suas camas e esconderijos pelas *candoreas* dos carvalhos e castanheiros corroídos pelos anos, investiram cheios de ferocidade a milícia romana.

Estes, seus descendentes, uniram-se em guerra aberta e franca por detrás do cerrado da compacta paliçada de troncos ao alto, quando se opuseram como muralha intransponível às cavalariações lionesas; cavando depois nos altos rochedos seus postos de vigia, aí se mantinham por tempo indeterminado e em verdadeiro ritual de velada às armas.

Querem os citados autores que este ponto de concentração dos cavaleiros da montanha, o qual não foi identificado com o Castelo de Bouro por lhes faltar a conciliação com o seguro testemunho das Inquirições, tenha a sua coincidência com os restos da antiquíssima Calcedónia, junto da qual e segundo a tradição, a Virgem Santa Eufêmea veio padecer e purificar com o sangue do seu martírio estas alturas, apenas esses primeiros raios do sol nascente do Cristianismo começaram a varrer as trevas do paganismo que por aqui ficara expresso em tantos símbolos e fórmulas de idolatria.

Que é natural que os Romanos não despresassem esta singularíssima posição e obra da natureza para coroar o sistema defensivo da sua vasta rede de fortificações através da Geira, entre castros e cidades, citânias ou cidadelhas, muito mais certo é, porém, que, de modo geral, serviram mais tarde de último reduto aos cavaleiros cristãos e à medida que se foram alargando as fronteiras da Reconquista; e esses fenómenos pode e deve até considerar-se verdadeiramente tanguido pelo dedo da Providência, na condução e rumo dos acontecimentos históricos.

Seguindo a melhor interpretação dos textos das Inquirições (e elas não foram elaboradas por crónicas da época, donde resulta mais realce e autenticidade nos factos que suscitadamente referem) a preocupação dominante dos homens de Bouro era acudir ao seu Castelo.

(Continua no próximo número)

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Unversidade do Porto

RUA D. PEDRO V-201 | TELEFONE, 3029
—(S. VICTOR)— | —BRAGA—

CICLISMO

(Continuação da 6.ª página)

dos de vantagem.

Temos a registar o bom comportamento de Quintães dos Leões D'A Modelar, que durante os 59 quilómetros, foi dos mais regulares, não se tirando os méritos a Peixoto e António Rodrigues, que se não fosse o acidente que sofreu e de que se ressentiu mais tarde, ainda seria um caso para falar o resto da prova, que no final teve a seguinte classificação:

1.º Bichinho, Aldoar; 2.º Raul, Aldoar; 3.º Pantera, F. C. do Porto; 4.º Quintães, Leões D'A Modelar; 5.º António Rodrigues, Leões D'A Modelar; 6.º Peixoto, Leões D'A Modelar; 7.º Manuel Pereira, Leões D'A Modelar; 8.º Magalhães, Leões D'A Modelar.

Damos os parabéns aos organizadores pela forma como organizaram as coisas, a fim de que não surgisse à última hora qualquer con-

Algumas considerações sobre a situação das Regentes Escolares

Há muito que sinto, com mágua profunda, o esquecimento a que são votadas as humildes regentes escolares.

Ao ler na «Gazeta do Sul», nesta mesma página, uma prosa intitulada «Apelo às Regentes Escolares», não resisti à tentação de escrever algumas palavras sobre a situação destas modestas servidoras do Estado, e ao mesmo

trariedade e pela maneira como organizaram o trânsito.

Queremos também felicitar os Directores do C. C. de Aldoar, pela maneira como colaboraram na prova, acompanhando-a com as suas motos, dando instruções aos assistentes para que não houvesse a registar nenhum acidente, o que felizmente não houve.

tempo louvar a acção daquela portimonense, que em poucas palavras soube dizer muito do que pensam e sentem as regentes escolares.

Enquanto outras classes mais privilegiadas, reclamam benefícios, que por serem justos lhes são concedidos, as regentes escolares, que são as que mais necessitam, são precisamente as que lutam e sofrem caladas.

Quando pela primeira vez se ouviu falar no aumento de vencimento dos funcionários mais modestos, as regentes rejubilaram... pois pensavam que tinha chegado, enfim, a sua vez de bem merecido aumento.

Mas... Oh! Desilusão! Nem delas se falou, não sei bem porquê, mas talvez porque são agentes de ensino que estão apenas a preencher temporariamente as vagas de professores.

O caso é que há aproximadamente 25 anos que estas incansáveis obreiras servem o Estado, tendo muitas envelhecido ao serviço da Nação, e é inegável que têm prestado muitos e bons serviços à instrução, com abnegação, com carinho e espírito de bem servir. E por enquanto não há para elas, nem um subsídio na velhice ou na doença quando esta as afasta por muito tempo do serviço; e nem ao menos são abonadas no período das férias grandes.

Como é possível, com a gratificação que recebem, fazerem face a todas as suas necessidades e ainda economias para, durante as férias poderem subsistir (não falando já na doença e na velhice?). Há quem não dê valor ao serviço das regentes, e muito quem as olhe até com desdém, do alto da sua importância. Não acho justo. Que mais se há-de pedir a quem dá tudo o que tem?

Não é muito o que elas fazem. leccionar muitas vezes 4 numerosas classes, em meios rurais; isoladas, longe de tudo e da família lutando heriódicamente, sem desânimos esforçando-se com risco da própria saúde, para alcançar o rendimento escolar que lhe é exigido pela estatística?

Muito mais poderia dizer da vida obnegada cheia de sacrifício destes ignorados agentes de ensino, mas estas considerações já vão longas, e creio que a sua vez também chegará, porque o Governo que sabe compreender os anseios da nossa gente, algum dia há-de premiar aqueles que dedicam a vida e dão todo o seu esforço a bem da Nação. Uma Alentejana

(Este artigo foi transcrito, com a devida venia, do importante semanário «Gazeta do Sul».)

Visado pela
Censura.

RECORTES

ODECAM

"O Amôr e o Tempo"

Pela montanha alcantilada,
Todos quatro em alegre companhia,
O Amor, o Tempo, a minha Amada
E eu, subiamos um dia.

Da minha Amada, no gentil semblante
Já se viam indícios de cansaço,
O Amor passava-nos adiante
E o Tempo acelerava o passo.

— «Amôr! Amor! mais de vagar!
Não corras tanto assim, que tão ligeira
Não pode com certeza caminhar
A minha doce companheira!»

Súbito, o Amor e o Tempo, combinados
Abrem as asas trémulas ao vento...

— «Porque voais assim tão apressados?
Onde vos dirigis?» — Nesse momento,

Volta-se o Amor e diz com azedume:

— «Tende paciência, amigos meus!

Eu sempre tive este costume!

De fugir com o Tempo... Adeus! Adeus!»

ANTÔNIO FEIJÓ

CÓDIGO ADMINISTRATIVO

(Continuação da 1.ª página)

gastar papel e arranjar o rancôr das vítimas da mesma «Lei». Mas tem de se pagar uma multa, como não bastasse já o que se paga pelo custo de muitas licenças que de vantagens só tem a receita indispensável exigida pelas muitas despesas da função orgânica. Tudo estava bem, tudo é preciso, nada é pedido para satisfazer caprichos nem para interesses individuais. É a bem da «Nação» e da nossa felicidade que impõe um sacrifício colectivo que eu faço com grande aprazimento. Mas deixa de estar bem e não está e deve sofrer alteração agora com a proposta do ilustre deputado, a multa aplicada a todo o cidadão licenciado que não traga consigo a licença do veículo que conduz, da arma que usa, dos objectos que expõe à venda fora do «concelho» onde está colectado, etc...

Acabando isto passaremos a estar bem porque todos estão sujeitos a um esquecimento. Até as autoridades autuantes se poderão esquecer de perguntar a muitos se estão licenciados e alguns não estarão. Não há réu que não tenha direito de se defender. Não deve haver transgressor que não tenha direito de provar que pagou. Não deve haver transgressor que não possa provar que tem uma licença e que pagou ao «Estado» ou à «Camara» aquilo que lhe pedem e portanto só transgrediu apenas o capricho de uma lesgilação antiquada, de uma época que as «Provincias» e o seu povo não existiam para «policimento» nem habitantes para transgredir e autuar.

Carrizado Amares, 17 de Março de 1959

Elísio Gonçalves

Tribuna Desportiva

Vaticínio

Com a derrota sofrida pelo Benfica frente ao Sporting, o F. C. do Porto viu aumentadas as possibilidades de vir a ser o campeão nacional.

Para já, os nortenhos passaram para a vanguarda da classificação, com um ponto a mais; mas os encarnados têm o jogo em atraso com o Belenenses, que terão que vencer para não deixarem fugir o título. Este jogo anulado, tornou-se agora um obstáculo difícil para os benfiquistas, que vão enfrentar um adversário sem aspirações, mostrando como é natural mais avontade. Este jogo anulado, parecia no momento do protesto apresentado pelo Belenenses, na altura com fortes aspirações ao título, que só viria prejudicar os encarnados, mas afinal, depois da derrota de Alvalade, o onze de Oto-Glória só veio a beneficiar com a anulação do jogo, pois a confirmar-se um empate, o F. C. do Porto, salvo qualquer surpresa, já não perderá o título. Nos lugares de desespero também não se conhecem ainda as vítimas de despromoção nem mesmo os que terão de disputar os jogos de competência. Do lote dos três últimos, Torriense, Caldas e Barreirense, sairão os dois últimos e um que irá disputar; e dos três que se seguem, Académica, Lusitano e Covilhã, sairá também um para os jogos de competência. Esta séria de possibilidades que se nos deparam na jornada que falta efectuar, leva-nos a afirmar que teremos grandes dificuldades em vaticinar esta ronda que põe termo à prova máxima do Futebol Português.

Para avaliar a luta e emoção que nos traz estes últimos jogos bastará olhar para o calendário que por si só nos diz ser uma incógnita tudo aquilo que vamos passar a prognosticar.

(Em Braga) Os setubalenses vêm até à cidade dos arcebispos para defrontar o grupo minhoto. Estas duas equipas que estão livres de qualquer percalço, vão oferecer-nos com certeza um bom espectáculo. Os sadinos praticam bom futebol, o mesmo acontecendo com os bracarense que jogam mais à base da habilidade do que da força. Não será descabido que os locais vençam a partida, até porque jogam perante o seu público Braga-2 V. Setubal-1.

(Em Coimbra) Ao contrário do jogo de Braga, joga-se em Coimbra uma partida de grande emoção. Trata-se de dois clubes que ocupam a chamada zona perigosa, embora os estudantes estejam livres da saída automática. Será o Caldas capaz de conseguir bater o pé aos estudantes? Nestes jogos de aflição nunca se sabe quem vence, embora o factor casa tenha muita influência. Vamos arriscar este prognósti-

co. Académica-2, Caldas-1. (Na Covilhã) Outro jogo de grande expectativa se disputa na Serra. Os vimarenenses vão até à Covilhã socegados e talvez já satisfeitos com o lugar que ocupam na tabela. O mesmo não acontece com o grupo local. Os leões da Serra se vencerem, evitarão de fazer os jogos de apuramento e estamos certos de que tudo farão para o conseguir. A responsabilidade do prélio terá com certeza muita influência no rendimento do onze local que para vencer terá que lutar muito, uma vez que vai ter pela frente um antagonista especializado em conquistar pontos no campo alheio. Vamos tentar este vaticínio. Covilhã-2, Guimarães-1.

(Na Luz) A Cuf vai até ao campo dos encarnados para fa-

(Continua na 5.ª página)

CICLISMO

2.º Grande Prova Iniciação

Como estava anunciado, realizou-se na Feira Nova, a 2.ª Grande Prova de Iniciação, em ciclismo, o que despertou grande entusiasmo, talvez por esta modalidade de desporto não ser frequente no nosso meio, juntando-se muitos entusiastas na meta para aplaudirem os corredores, o que tornou um pouco embaraçosa a missão do júri, à chegada, que ciente do seu papel cumpriu bem, com destaque para os Senhores Paulo Barbosa de Macedo e José Fernandes de Araújo.

Lido o regulamento pelo Director da corrida e feita a chamada, não respondeu por não ter comparecido, Luis Gonzaga. Foi dada a partida aos corredores presentes que se lançaram logo de início em corrida diabólica, talvez para experimentarem forças e verem o que cada um era capaz, o que levou o pelotão a fragmentar-se, vendo-se corredores espalhados pela estrada, após os primeiros quilómetros, seguindo na frente Bichinho, Raul, António Rodrigues, Pantera, Quintães e Peixoto. Na bifurcação da estrada que liga para a Ponte do Porto, Jaime, deu uma queda aparatosa que o levou a desistir. A caminho de Santa Lucrécia, Peixoto começou a queixar-se com dores no estômago, atrasando-se consideravelmente, a ponto de querer desistir, talvez desanimado com esse atraso, mas incitado pela assistência que em todo o percurso estava na estrada, ganhou ânimo e continuou na prova. Já próximo da Confeitaria Bichinho tentou uma fuga a que Pantera respondeu, ficando

Como já tivemos ocasião de afirmar, são decorridos 41 anos sobre o fenómeno dos estigmas do bondoso capuchinho.

Os grandes mestres da medicina ficam vencidos uns após outros. Ninguém explica a natureza das chagas do P. e Pio...

Ninguém explica igualmente muitos factos que comprovam o carácter misterioso dos seus dons místicos...

Apontamos agora alguns desses factos.

—Certo viajante foi entregar uma carta ao estigmatizado P. e Pio. Este convidou-o a confessar-se, depois de o censurar por não ter pensado que num instante pode morrer. O viajante, aceitando como certa aquela censura, ficou aterrado e, passados alguns dias, vem e confessa-se: «Em resumo,

tudo na mesma. A passagem por Palmeira, foi feita em verdadeiro despique. Bichinho que é natural de lá não queria que outro ali comandasse o pelotão, o que originou sucessivos comandantes, ora Raul, ora António Rodrigues, ou Pantera, e assim se foi andando até que, quando Bichinho se preparava para passar em frente à casa de seu pai em primeiro lugar, António Rodrigues em vigoroso sprint conseguiu desfeiteá-lo, pelo que foi muito aplaudido. Na passagem pela Ponte do Bico, onde se viam também muitos assistentes, mantinham-se na mesma os 5 corredores, com Raul a comandar, em marcha mais lenta, passando Peixoto que se tinha atrasado com uma diferença de 6 minutos e meio em relação ao primeiro; Em Rendeufe, onde controlamos o tempo aos atrasados, vinha Peixoto com 5 minutos, com 1 minuto e meio recuperado desde a Ponte Bico, Magalhães, com 10, e Manuel Pereira, com 20 minutos.

Seguimos para Caldelas para controlar o primeiro que lá passasse e lhe ser atribuído o prémio lá existente, o qual foi ganho por Raul, o corredor de mais categoria na prova, e assim chegamos à Feira Nova, passando por Portela e Besteiros, em estrada fraca, o que originou a média nesta primeira parte da corrida bastante baixa: 28 quilómetros horários. Passando à frente para controlar os corredores em Amares, onde havia outro prémio e que foi ganho por António Rodrigues, dos Leões D'AModelar, ao sprint, daí em diante to-

Jesus vivo e crucificado na sua Igreja

— Os estigmas do P. e Pio Pietrelcina

(Continuação)

diz ele, eu cometi toda a classe de pecados, excepto quatro».

—*Exato*, diz-lhe o P. e Pio.

—Mas essas faltas são-me precisas para a vida...

—Encontrarás remédio! — e deu-lhe uma oração para rezar durante quatro dias.

Isto comprova o poder que o Pe. Pio tem de ler nas almas. Recorda aos penitentes pecados esquecidos e ajuda a confessar outros de que ele tem a intuição!

—A Sa. Luisa Vairo, pessoa de vida pouco edificante, confessou-se ao estigmatizado e converteu-se. Ficou-lhe ainda o desejo veemente da conversão de dois filhos marinheiros. Pouco depois era noticiado o naufrágio do navio em que trabalhavam os dois jovens marinheiros e dava-se como certa a morte de quinze tripulantes. Luisa Vairo, louca de aflição, dirige-se ao Pe. Pio, desta vez para que ele lhe acuda e a console. E fica espantada quando ele lhe dá a direcção dos filhos... *pois ele sabe onde eles estão e que estão vivos!!!*

A mãe escreve, os filhos aparecem logo em São Giovanni, confessam-se ao Pe. Pio, e convertem-se.

Este facto revela a intuição do nosso estigmatizado acerca do que se passa a distância.

Podemos reforçar a afirmativa com a morte de Jorge V de Inglaterra. O Pe. Pio levantou-se em certa noite e foi bater à porta de um colega, de nome Pe. Aurélio, e convidou-o a rezar por uma alma que ia comparecer em breve perante Deus e que lhe parecia ser o Rei de Inglaterra.

No dia seguinte os jornais da tarde publicam a notícia da morte de Jorge V...

dos os corredores se lançaram a caminho da meta final, o que originou a que António Rodrigues, que então vinha fazendo uma boa prova e já perto de Santa Lucrécia, se ressentisse de uma queda que deu em Caldelas ao fazer uma curva perigosa e fosse ficando para trás, e Bichinho apercebendo-se do fraco rendimento deste tentou uma fuga, sem que Pantera e Raul lhe desse luta, este por ser colega de equipa e Pantera talvez porque julgou que essa fuga iria morrer perto. Só quando se apercebeu da manobra de Raul se lançou em vigorosa persiguição, mas já não foi a tempo porque Bichinho já tinha conquistado terreno mais que suficiente para a vitória, e Raul que não lhe interessava atacar colou-se a trás de Pantera para no final o bater com uns bons segun-

(Continua na 4.ª página)

Ainda recentemente dois novos factos vieram a público. O Pe. Pio anunciara a morte do Papa Pio XII e a escolha do actual Pontífice, ambas no momento preciso em que tiveram lugar!

—Conta-nos Vera Barletto Blanco, de Voglio—Mosso, que estando a conversar com pessoas amigas acerca do Pe. Pio, a sala onde se encontravam encheu-se repentinamente de um suave e intenso perfume de violetas. Este perfume, apesar de se abrirem as janelas, persistiu mais de duas horas. Todos notaram o aroma, entre eles dois médicos presentes—Drs. Anuzio Duodo e Eduardo Blanco—que procuraram a explicação científica do caso... mas nada encontraram que o justificasse.

São eles próprios que atestam este facto.

—Remataremos com um dos factos conhecidos e bem concludentes.

Certo indivíduo resolveu assassinar a mulher, disfarçando depois o crime com um suicídio. Ninguém o sabia e nunca a futura vítima jamais o desconfiara.

Um dia passou esse homem junto de uma igreja onde estava o Pe. Pio, e sentiu um impulso misterioso a arrastá-lo para dentro do templo. Foi ter à sacristia. Ao vê-lo, o Pe. Pio lançou-lhe os braços e chamou-lhe miserável, acrescentando que ele não tinha o direito de matar sua esposa!

O homem ficou atónito com a revelação. Fugiu desarvoradamente, mas volta atrás e confessa-se ao P. e Pio. Não é recebido agora como da primeira vez. O fradinho aconchega-o carinhosamente e conforta-o dizendo-lhe que muito breve nasceria o filho que tanto desejava! E assim aconteceu.

* * *

Terminamos aqui o resumo das notas que o relatório de Pascal P. Parente, devidamente autorizado, publicou e do qual se bebeu notícia em todo o mundo.

As autorizadas capacidades médicas sucumbiram perante a inexplicação dos estigmas. Os factos miraculosos estão à vista, e muitos outros (talvez mais palpáveis) se terão sucedido. O Pe. Pio continua sereno, de vida simples e alma pura, a atrair multidões de toda a parte. A incredulidade deve estremecer perante a realidade.

Daquelas chagas, daquela mansidão de alma, daquele misticismo tão misterioso, nasce a certeza bem palpável de que nestes casos a ciência fica-se perante os fenómenos que só a Deus pertence justificar.

Louvemos a Deus nos seus santos, e entretanto aguardemos a manifestação da Igreja acerca dos estigmas do Pe. Pio Pietrelcina.

B. Ribeiro